

Vasco Graça Moura

Gloria in Excelsis

As Mais Belas Histórias Portuguesas de Natal



QUETZAL língua comum

O conto de Natal em Portugal



COMO É NATURAL, AS REFERÊNCIAS AO NATAL na nossa literatura começam por registos de uma intensa devoção e só muito mais tarde se preocupam com a transposição da celebração religiosa e do seu sentido transcendente para o plano civil de uma comunhão festiva, familiar e universal, necessariamente ligada à ideia de paz na terra e reconciliação entre os homens. É na poesia e no teatro que desponta literariamente aquela exaltação religiosa, com mestre André Dias (1348-1437) e depois nalguns autos vicentinos de devoção, para não mais parar, até ao nosso tempo: no Maneirismo, no Barroco, no Romantismo e daí em diante, até hoje. Basta recordar, mais ou menos ao acaso, poetas como António Ferreira, Frei Agostinho da Cruz, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Jerónimo Baía, Correia Garção, Reis Quita, Cruz e Silva, Bocage, Almeida Garrett, Castilho, António Nobre, Gomes Leal, Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, Álvaro Feijó, António Gedeão, David Mourão-Ferreira e tantos outros... para se ver que o «cancioneiro de Natal» lusitano é muito abundante e variadíssimo. Por sinal que é provavelmente com um célebre soneto de D. Francisco Manuel de Melo, «De consoada a uma sua prima», que o lado da celebração familiar e afectiva da quadra natalícia,

acompanhada da troca de presentes, surge na nossa literatura, com a particularidade de ser escrito da prisão e, portanto, de contrapor um estado de afastamento, de solidão e de tristeza («Mandara-vos o sol, se desta cova / mo deixaram tomar»...), a uma época do ano que era tradicionalmente de jubilosa reunião da família. Mas ainda no século anterior, a pós-vicentina *Prática dos Compadres*, de António Ribeiro Chiado, já descreve de modo muito colorido, no pitoresco diálogo entre o Cavaleiro e o Compadre, os usos e folguedos entre familiares e vizinhos, a propósito da ceia de Natal e da missa do Galo.

Isto tinha raízes muito antigas. O Padre Mário Martins explica a dramatização popular da liturgia do Natal a partir de uma ideia de presépio que «vinha de longe, muito antes de S. Francisco de Assis» e observa que «na Idade Média [...] nem tudo era edificante, pela festa do nascimento de Jesus. Em 1473, um concílio de Aranda [...] fala-nos de representações, mascaradas, figuras monstruosas e versos indecentes — *ludi theatrales, larvae, monstra spectacula... turpia carmina* — que vinham a público, nas igrejas, por ocasião do Natal, da festa dos SS. Inocentes, S. João Baptista, etc. Estes males, evidentemente, não paravam nas fronteiras portuguesas». Acrescentemos que essa tradição, de algum modo, vem ainda ecoar na muito mais tardia ficção literária relativa ao Natal.

Com pouco desfasamento em relação à poesia e ao teatro (e também às artes plásticas, do Vasco Fernandes da *Adoração dos Pastores* até ao Machado de Castro dos presépios), na nossa tradição cultural as referências importantes ao Natal, em prosa literariamente consistente, podem ser detectadas já em fins do século XV, n' *O Livro de Vita Christi em Lingoagem Português*, tradução da obra de Ludolfo de Saxónia mandada fazer por D. João II e por sua mulher, a rainha D. Leonor. Nesse incunábulo de 1495, o Capítulo IX do Livro Primeiro é dedicado à «nacença do Salvador»

e aí se encontram os principais ingredientes relativos à festa do Natal (presépio, alvoroço e adoração dos pastores, pobreza do nascimento do Menino) em relação aos quais vão sendo feitas as inevitáveis transposições alegóricas, tal como virá a acontecer ao longo do século XVI, sempre em textos de natureza religiosa, espiritual ou apologética. Elas afloram, por exemplo, em contemporâneos de Camões, como em Frei Heitor Pinto (1528?-1584?), na parte final do Capítulo XXIV do «Diálogo dos verdadeiros e falsos bens», da *Imagem da Vida Cristã*, ou numa bela página do Capítulo LII do *Diálogo* décimo de Amador Arrais (1530?-1600): «Ouvi a Crisóstomo: Ó se me fora dado ver aquele presépio, em que jouve o Senhor. Nós os Cristãos tirámo-lhe o barro, e pusemo-lhe prata; mas pera mim mais precioso é o que foi tirado, que o que de novo foi posto»... Por seu turno, em Frei Tomé de Jesus (1529?-1582?), o tema da gravidez e do parto da Virgem dá lugar a exaustivas variações, já prenunciadoras do Barroco: nos seus *Trabalhos de Jesus*, encontramos secções (ou «trabalhos») como «O aperto do lugar em que [o Senhor] andou nove meses», «Ter nove meses represada a força de seu amor», «O duro tratamento que deu Cristo Senhor Nosso a seu corpo em nascendo», «Lágrimas de Deus nascido por nossos pecados», «Desabrigo das asperezas do tempo em um portal». Também Frei Pantaleão de Aveiro, no seu *Itinerário da Terra Santa* (1593), dedica um comovido capítulo (o LII) ao «lugar onde nasceu nosso Senhor Jesu Cristo e do Santo Presépio aonde foi reclinado», entremeando as suas descrições de viajante peregrino pelos lugares santos da Palestina com considerações de índole religiosa e contemplativa. De destacar ainda, nesta sequência de textos em prosa relativos ao Natal, e cerca de um século mais tarde, dois sermões do Padre António Vieira, o «do nascimento do Menino Deus» e o «da Epifania», o primeiro de data desconhecida e o segundo pregado na capela real em 1662.

Em todos esses textos se busca um sentido teológico, transcendente e exemplar, para o mistério da Encarnação, quase sempre inevitavelmente articulado com a subsequente paixão de Cristo e com as considerações expiatórias e penitenciais a que esta dá lugar, mas trata-se de prosa em que não se aborda uma significação por assim dizer mais projectada na esfera do social e do popular, nem a alegre convivialidade da festa natalícia, como acontecia com os já citados de António Ribeiro Chiado e D. Francisco Manuel de Melo. Nessa matéria, o verso precedeu a prosa. E bem mais tarde, na ficção, a articulação do Natal passa, muitas vezes, a fazer-se com o sofrimento humano, que assim vem substituir as alusões ao Calvário.

É com o Herculano das *Cenas de Um Ano da Minha Vida* que as coisas começam a mudar. Aí, em «A vida soldadesca», inicialmente publicada n' *O Panorama* (1841), tenta-se uma «autêntica» poética da missa do Galo e da noite de Natal: «A noite da missa do Galo gera a poesia em corações que no outro dia ela não saberia agitar», mas conclui-se com uma nota de angustiada melancolia sobre uma família cujo ente querido desapareceu na voragem da guerra civil: «Tinham um irmão: — mas a sociedade amarrou essa rês e arrastou-a para o grande açougue nacional chamado exército.» Mas ainda se está longe daquilo a que se possa chamar ficção. Vitorino Nemésio chama-lhe «meditação moral». Como, mais tarde, em Ramalho Ortigão, também virá a acontecer com o Natal minhoto (*As Farpas*, I), embora outro dos seus textos, o do volume V de *As Farpas*, apresente um embrião de narrativa, razão por que aqui foi incluído («A festa de Natal — A festa das crianças e a história de uma que não se divertiu»). Em Camilo Castelo Branco, o Natal não tem, em si, um relevo por aí além. Não nos ficaram na memória, como referência, páginas suas dedicadas a essa quadra, não obstante um dos seus melhores romances, *Amor*

de Salvação, começar lapidarmente: «Estava claro o céu, tépido o ar, e as bouças e montes floridos. O mês era de Dezembro, de 1863, em véspera de Natal»; e a verdade é que o narrador, que percorria o Minho nessa data, «benquistou apenas de uns cães», e tem a consciência de estar completamente só «naquele festivo dia da nossa terra», vem a escutar a história do seu amigo Afonso de Teive contada por este durante a noite de Natal... Em *Daqui Houve Nome Portugal*, Eugénio de Andrade recolhe uma curta e impaciente página camiliana sobre o Natal no Porto, «selvageria de cafres cristãos» que recorda os estridentes folguedos populares medievais a que Mário Martins faz referência e que é objecto da contundência camiliana no terceiro dos raramente lidos *Ecos Humorísticos do Minho*.

Sendo sempre possível que existam, na ficção esquecida do século XIX, alguns casos anteriores, o primeiro que encontrei foi o do hoje completamente ignorado Andrade Ferreira, num conto intitulado «A noite do Natal», publicado em vários números do primeiro volume do *Arquivo Pittoresco* (1858) e que, com os fortes laivos românticos introdutórios de cada uma das suas secções, narra uma tragédia aldeã de vingança, morte e loucura, na atmosfera rural e patriarcal da noite de consoada. E neste ensejo são de recordar aqui as célebres páginas que, dez anos mais tarde, Júlio Dinis dedica ao presépio, à ceia de Natal e à missa do Galo, n' *A Morgadinha dos Canaviais* (1868), mas que, por se tratar de um segmento de romance, não cabem aqui. O calor humano delas já tem porventura alguma coisa a ver com a própria substância da observação de Dickens, a preceder os seus *Christmas Books*: «o meu propósito foi, numa caprichosa espécie de máscara que a boa disposição da quadra justificava, despertar alguns pensamentos de amor e tolerância, nunca deslocados numa terra de Natal».

No conto português de finais do século XIX, será preciso esperar pela grande realização que é «O suave milagre», de Eça de Queirós, cuja primeira versão, com outro título, é de 1885 e que, sem se forçar muito a nota, pode ser considerado um conto de Natal e mensagem cristã de exaltação dos mais humildes. O Natal propriamente dito, abordara-o Eça (na sua versão inglesa e sem ficção) uns anos antes, numa das suas peças depois postumamente reunidas sob o título de *Cartas de Inglaterra* (por sinal que aí, o Pai Natal, ainda não imigrado nem institucionalizado cá pelas nossas paragens, é ainda o *Father Christmas* — *papá Natal...*).

Vitorino Nemésio observa que «o Natal de Ramalho e de Eça é um Natal de sociólogos conscientes do empobrecimento de uma sociedade que “faz” por “ter visto fazer”; ou (o que é pior!) que “faz” por “saber que se fazia”», e di-lo depois de ter já notado que, «à medida que a história nos afasta das condições do viver patriarcal, a literatura vai depositando, sob a forma de evocação, os resíduos do Natal como centro da vida religiosa de um povo que, outrora fechado num âmbito de crenças puras, emigra pouco a pouco para regiões sentimentais cada vez menos firmes». Essa «emigração» fica, segundo creio, razoavelmente documentada pela presente antologia.

A Eça de Queirós seguem-se «A consoada» (*Mulheres da Beira*, 1891), de Abel Botelho, uma breve e muito simples narrativa do regresso a casa em noite de Natal de um marido expatriado em Lourenço Marques para ganhar a vida, e o «Conto do Natal», de Fialho de Almeida (*O País das Uvas*, 1893), história violentíssima de parto clandestino e assassínio brutal de um recém-nascido na noite de Natal pelo próprio homem que assiste a parturiente, provavelmente o amante e pai da criança (alguém que a desgraçada trata por tu), entre ruínas inóspitas, tudo presenciado por uma velha mulher que regressa à aldeia depois de longa ausência;

de notar a utilização sistemática do presente do indicativo na primeira parte do conto, para os efeitos quase cinematográficos e fantasmagóricos da paisagem agreste durante a caminhada da velha. Mas a história é de tal modo horrível que me pergunto se Fialho, ele que falava da «cidade do vício», à sua maneira, não se terá proposto parafrasear os versículos finais do Salmo 136, incapazes de Babilónia e da sua vida em pecado: «Bem-aventurado o que tomar os teus filhinhos e os esmagar contra uma pedra!» No entanto, Fialho também incluiu n' *O País das Uvas* «O Menino Jesus do Paraíso», história bem-humorada dos maus costumes de uma freira e da substituição do Menino Jesus do presépio pelo recém-nascido, em carne e osso, fruto daqueles, e que talvez prencie aspectos de um dos contos de Tomaz de Figueiredo aqui incluído.

«As Janeiras», de Brito Camacho (de 1925, mas reportado à infância do narrador, nascido em 1862), que inclui na presente colectânea pelo seu poder evocativo entre o memorialístico e o anedótico e digressivo, volta a não ser propriamente um conto, o que poderia dizer-se também, mas por outras razões, de «Natal dos pobres», de Raul Brandão, sucessão narrativa entrecortada de exclamações e visualizações de amargura sobre a degradação da condição humana no seu volume de humilhados e ofendidos que é *Os Pobres* (1906), diferentemente das alucinações consecutivas de um velho reduzido ao abandono e à solidão em «A lenda de Natal», de Júlio Brandão (1917), e de «A consoada» (em *A Vencida*, 1907), de Carlos Malheiro Dias, breve *sketch* de um episódio de inquietação e ansiedade familiares, geradas pelo tardar do regresso do pai que vai comprar as arrecadas que serão a consoada da filha pequena e é transportado para casa quase morto devido a uma agressão de ladrões, mas trazendo a prenda prometida bem segura na mão fechada.

Com Aquilino Ribeiro é mais frequente a preocupação com o Natal. Um dia, escreveu a este respeito: «O homem traz no subconsciente a história da longa caminhada que fez. Por isso o fogo, que foi a sua grande invenção e o alumiu na tenebrosidade das cavernas, é para ele de essência divina. É porém um deus, cujo culto foi postergado por outro culto, mais espiritual ou de símbolo mais amplo, que todavia persiste no fundo da psique humana bem lembrada.» Na obra de Aquilino, para além das páginas que, em *Terras do Demo*, dedica à quadra natalícia, avultam o conto «D. Quixote contra Herodes» (*Estrada de Santiago*, 1922), aqui seleccionado pela sua bem-humorada paródia pós-cervantina de D. Quixote aceitar não acometer os gigantes, para ficar de guarda ao Menino Jesus do presépio contra as anunciadas malfeitorias do rei Herodes, e toda uma série de esplêndidas sequências de *O Livro do Menino Deus* (1945), de que seleccionei, por afinal se tratar de um pequeno conto, «A missa do Galo», com a sua saborosa discussão, teológica e não só, entre um velho fidalgo céptico e o abade da freguesia.

Pina de Morais, outro autor completamente esquecido, com «O Pai Natal» (*Vidas e Sombras*, 1949), um divertido exercício em que o Pai Natal, a caminho do Porto, recusa a companhia de vários santos da corte celestial, para descer à terra apenas acompanhado pelo Menino Jesus que acaba a trocar de lugar com uma criança de berço, e João de Araújo Correia, com o seu «Conto de Natal» (*Contos Bárbaros*, 1939), uma variação com *happy end* sobre o tema da criança enjeitada, e «Noite de Natal», sobre a extravagante travessia nocturna de duas irmãs que vão ceiar com uma terceira, encerram a secção de matriz mais ou menos naturalista desta antologia, a que acrescentei, como contraponto, um breve texto de Ferreira de Castro, «O Natal em Ossela», que, sem ser propriamente um conto, cria uma atmosfera que é, por si,

quase narrativa, com as suas onomatopeias lúgubres da ventania, o seu olhar sobre a paisagem e a sua melancólica contemplação da proximidade da morte.

Os prosadores da *Presença*, ou a ela ligados, ou ainda os que pertencem à mesma geração, escreveram quase todos sobre o Natal: seleccionei, de Vitorino Nemésio, o conto «Os Reis Magos» (segunda versão), de *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949), história colorida e de pasmar contada pela avó do narrador, apoiada em constantes referências a figurações da infância açoriana do autor; de José Régio, o «Conto do Natal», igualmente em segunda versão (*Há mais Mundos*, 1962), falando das pesadas estranhezas do lobisomem morto em noite de Natal, e retomando, a seu modo, a linha das figuras monstruosas que Mário Martins assinala na Idade Média; de José Rodrigues Miguéis, (também autor de «O viajante clandestino», publicado sob outro título em 1957 e incluído em *Gente de Terceira Classe*, 1962), «O Natal do doutor Crosby», de *Léah e Outras Histórias* (1958), uma das poucas narrativas de Natal passadas em meio urbano, com incursões no mundo de um, para a vizinhança, insuportável melómano *gay* de Nova Iorque, e, noutro registo, «Natal branco», de *Gente de Terceira Classe*, 1962, sobre o calor comovido da evocação da terra natal pela emigração portuguesa nos Estados Unidos; de Tomaz de Figueiredo, os contos insertos (1970 e 1966) em *A Outra Cidade* («Gente de paz», uma singular história de regresso à terra de origem, que é uma aldeia inundada — Vilarinho das Furnas? —, sobre a qual o principal protagonista vai evocando o passado, a partir de um fundo do tempo a coincidir agora com o fundo das águas) e em *Tiros de Espingarda* («O conto de Natal», este uma irónica deambulação pelos processos da escrita de histórias de Natal por encomenda de revistas, de mistura com algumas piadas sibilinas à literatura dita de preocupação social); de João Gaspar

Simões, «Meia-noite» (*A Unha Quebrada*, 1941), retomando melancolicamente o tema do regresso a casa e aos vestígios degradados de um tempo perdido; de Domingos Monteiro, autor de nada menos de seis contos de Natal (1964), «O regresso», a seu modo também uma variação desalentada do tema já abordado por Abel Botelho, e «Um recado para o céu», tratando do pio expediente de uma mulher de virtude já *in articulo mortis* para fazer valer lá no alto os pedidos que lhe eram transmitidos.

Miguel Torga, além de uma conhecida passagem de «O quarto dia» de *A Criação do Mundo*, sobre a noite de Natal em França, incluiu «Jesus», com a sua doce alusão final à Natividade, em *Bichos* (1940), e «Natal», em *Novos Contos da Montanha* (1944), curta narrativa em que um mendigo acaba a contracenar pitorescamente com as imagens de Nossa Senhora e do Menino na sua modesta ceia de Natal à porta da igreja, fazendo ele de S. José, à volta da fogueira que, para resistir ao frio, ateou com um andor de procissão.

Os neo-realistas não fugiram à regra: Manuel da Fonseca, Alves Redol, Fernando Namora, dão o seu contributo completamente laico — *et pour cause!* — a este tema com, respectivamente, «Noite de Natal» (*O Fogo e as Cinzas*, 1951), uma cena nocturna de bebedeira e sangue entre três soldados, enquanto a jovem mãe que os atendera na taberna lhes consegue fechar a porta e resguardar o filho pequeno dos seus desmandos, «A festa de Natal» (*Histórias Afluentes*, 1963), como irónico pretexto para ilustrar a luta de classes por uma caricatura do Natal das empresas, e «Reputação» (*Retalhos da Vida de Um Médico*, 1949), *fait-divers* da vida do jovem médico em começo de carreira, que, aliás, só por uma coincidência de calendário tem a ver com o Natal.

Jorge de Sena aborda o tema em três contos, um em *Andanças do Demónio* (1960), «Razão de o Pai Natal ter barbas brancas», aqui incluído, espécie de divertimento algo surrealizante

para crianças grandes, e dois em *Novas Andanças do Demónio* (1966), sendo um deles «O Urso, a pantufa, o quadro e o coronel» e outro o portentoso «A noite que fora de Natal», que também selecionei e é talvez o mais original conto de Natal de toda a literatura portuguesa, num registo menos evocativo e descritivo desta quadra do que eticamente problematizante de uma relação do homem com o seu destino e com os caminhos da História e da redenção. Sophia de Mello Breyner Andresen fá-lo num conto para crianças, «A noite de Natal», e sobretudo em «Os três reis do Oriente» (*Contos Exemplares*, 1962), de que é de destacar a extraordinária cena borgesiana de interpretação de uma placazinha em argila no episódio central, e ainda o bem conseguido registo de uma linguagem oscilando entre uma entoação quase bíblicamente versicular e uma simplicidade poeticamente coloquial, convergindo ambas numa luminosa mensagem de esperança natalícia.

Na secção final desta antologia, a violência e a crueldade da tragédia de uma filha que mata o pai alcoólico, em defesa da mãe, regressam com o conto pungente de Maria Judite de Carvalho, «Noite de Natal» (*Tanta Gente, Mariana*, 1959). Depois, o ecfrastricamente enlevado «O pezinho de Nossa Senhora», de Natália Nunes (*Da Natureza das Coisas*, 1985, mas publicado em 1971), e a crítica mordaz da tacanhez pequeno-burguesa de «A samarra», de Urbano Tavares Rodrigues (*Imitação da Felicidade*, 1960). José Saramago, com «História de um muro branco e de uma neve preta», cuja versão final aparece pela primeira vez em língua portuguesa nesta antologia, articula dois episódios singelos, o segundo de uma pungência surda, num tratamento da infância que não vai sem recordar o arquétipo junguiano da «criança divina». Por sua vez, aos tão bizarros quanto sardonicamente corrosivos «Exercícios de auto-apoucamento» (*Uma Coisa em forma de assim*,

1980), de Alexandre O'Neill, seguem-se «Já não há Salomão», de Isabel da Nóbrega (Estúdios Cor, 1966), com o seu fundo desalento a partir do quotidiano humilde de uma mãe dolorosamente separada da filha adolescente. E temos ainda o melancólico «Serenidade», de Graça Pina de Moraes (publicado, sem data, pelo Instituto Fármaco); o subtil encontro/desencontro de culturas, na oposição da cristã Virgem Maria à oriental Deusa da Fecundidade, de «Natal chinês», de Maria Ondina Braga (1968); o desfecho perturbante, efeito talvez reforçado pelo acumular dos pormenores realistas e anódinos do diálogo, de «Noite de Consoada» (*Os Putos*, 1964), de Altino do Tojal; e, a concluir, «A noite em que prenderam o Pai Natal» (*Fronteiras Perdidas*, 1999), de José Eduardo Agualusa, história de um tratador de piscinas que acaba contratado para fazer de Pai Natal e a repetir em termos angolanos e perante um polícia... o milagre das rosas!

Sem curar de estabelecer uma tipologia rigorosa, tentativa que só seria possível ante um *corpus* muito mais vasto, podem agora ser traçadas algumas das grandes linhas que caracterizam a história ou conto de Natal na nossa literatura de ficção: a festividade religiosa (do presépio à missa do Galo) e a sua paralela celebração secular e jubilante quase sempre no plano da família; o contraste mais ou menos chocante entre Graça e desgraça, ou entre grupos e condições sociais; o regresso de alguém que, regra geral, estava ausente havia muito; a evocação do tempo e das vivências do passado; a reconciliação entre os homens; por vezes o sofrimento, a tragédia ou a violência numa quadra que não deveria comportá-los; quase sempre a ruralidade do meio em que a acção decorre (nesta colectânea, todavia, com algumas excepções nítidas); como cenário de fundo, é frequente a contraposição do mau tempo (chuva, frio, neve, ventania) a um ambiente aconchegado e familiar. Por sinal que estes ingredientes se encontram

quase todos reunidos no conto de Andrade Ferreira com que abre este volume. Quanto aos Reis Magos, constituem uma subtipologia à parte. A parábola ou quase parábola também pode funcionar, caso de «O suave milagre», de Eça de Queirós, ou mesmo de «Jesus», nos *Bichos*, de Miguel Torga, tal como o divertimento, como em «Razão de o Pai Natal ter barbas brancas», de Jorge de Sena, ou no «Conto de Natal», de Tomaz de Figueiredo, ou nos «Exercícios» de Alexandre O'Neill, ou em «A noite em que prenderam o Pai Natal», de Agualusa. É de notar que, pelo menos a partir de meados do século XX, se generalizou a dada altura o costume de ser publicado um conto de Natal por jornais, ou revistas, como a *Eva*, nos seus números de Dezembro, e mesmo por editoras, como a Estúdios Cor, para fins de *plaque* de brinde natalício aos leitores. Tais encomendas podem explicar uma parte da produção específica dos contos e histórias de Natal surgidos nesse período. Já as «Singularidades de uma rapariga loira», de Eça, tinham sido publicadas pelo *Diário de Notícias* pelo Natal de 1873, como «brinde aos seus assinantes». O processo é caricaturado por Tomaz de Figueiredo e teve intervenientes ilustres, como José Régio, Domingos Monteiro, José Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena, Natália Nunes e outros.

Enfim, se os contos que seleccionei para esta antologia, ordenando-os de acordo com a cronologia das datas de nascimento dos seus autores, têm os seus méritos muito diferenciados e as suas regras de escola literária mais ou menos explícitas, não escondo a minha preferência muito pessoal por quatro deles, que me parecem verdadeiras obras-primas: «O suave milagre», de Eça de Queirós, «A noite que fora de Natal», de Jorge de Sena, «Três reis do Oriente», de Sophia de Mello Breyner Andresen e «Exercícios de auto-apoucamento», de Alexandre O'Neill.

Possa este conjunto proporcionar aos leitores o prazer e as surpresas que eu mesmo tive ao reler e organizar sequencialmente

textos em que nunca tinha pensado na perspectiva de uma antologia a qual, nesta edição, integra nada menos de quinze textos que, não obstante seleccionados desde o início, não tinha sido possível incluir na primeira.

Vasco Graça Moura

A noite do Natal

José Maria de Andrade Ferreira

O desconhecido

Fria e escura vem descendo a noite: as nuvens amontoam-se sobre as colinas: oculta num manto de névoa a Lua despede seu pálido luar... Eu lobrigo um fantasma na planície... Ouve-se um cão ladrar numa cabana distante.

OSSIAN — *Cena de Uma Noite de Outubro*

CORRIA A NOITE DE VINTE E QUATRO DE DEZEMBRO, e dez horas acabavam de soar na freguesia de uma aldeia da província do Minho.

Era uma destas noites como as produz Dezembro nas províncias do Norte de Portugal; serena, mas fria de regelar: a geada caía a flocos em abundância.

De além das cumeadas da serrania, sobranceira à aldeia, lá começa a aparecer uma claridade alvacentas, como véu diáfano que se dilata, e que pouco a pouco envolve o baço fulgor das estrelas.

É a Lua que vai nascer.

A pálida e melancólica rainha da noite ergue a custo a fronte, anuviada pelos gélidos vapores que o Inverno depositara nos cumes da serra. É como um espírito aéreo de Ossian, percorrendo em níveas vestes as montanhas de Morven.

Quão sublime é o nascer da Lua, quando a noite já vai adiantada! É nessa hora de tranquilidade profunda e meditação solene, que a alma, animada por essa centelha que ao mundo desferiu a

Divindade — a poesia, solta voos temerários, sendo-lhe estreita a imensidade do espaço para dar largas aos pensamentos que inspira o astro melancólico da noite.

Sereno e modesto planeta, quanto simpatizo contigo! És o meu enlevo nas belas noites estivas, em que brilhas no nosso tão poético hemisfério, desferindo um olhar cheio de mistérios. Sem o querer, por teu aspecto acho-me embevecido, sem de ti desfrutar. Olhando-te, minha alma parece desprender-se das suas ligações terrenas e voar pelo espaço, engolfando-se na deslumbrante cópia de maravilhas, que o silêncio imperturbável da noite nos patenteia, e que tu, como um facho inextinguível que luz entre o homem e Deus, alumias e esclareces! Tu és como um fanal misterioso, que, nas horas em que tudo jaz adormecido, fazes resplandecer as páginas do livro da sabedoria eterna — a natureza!...

O nordeste começara de soprar rijo, varrendo com as suas asas da amplidão do espaço os ténues nevoeiros que a noite acumulara; e açoitando em rajadas a encosta da montanha, envergava os pinheirais, que, erguidos na lombada das colinas, se projectavam no horizonte como fantasmas negros que, ao som do vento, que, gemebundo, percorria pelos vales, dançassem danças grotescas e bárbaras.

A noite foi alimpando, pondo-se bela e clara com a saída da Lua, que, já desassombrada de vapores no seio da atmosfera, pura e serena, fulgurava como broche de oiro no meio de um vasto manto de cetim. À sua claridade os objectos confusos e indistintos, pelas sombras da noite, haviam-se estremado e tornado perceptíveis. No pendor da serra, quase a dependurar-se por entre os ramais verde-negro dos arvoredos frondosos, começara a surgir, alvejando ao luar, a aldeia, cujo campanário, ainda havia pouco, fizera soar dez horas.

Entre nós, gente da corte, dez horas é apenas o começo da noite: é a hora de dar entrada num baile; é a hora em que um peralta vai para o teatro; é a hora em que se faz a abertura de um sarau, segundo as prescrições do código do bom-tom; é, enfim, a hora destinada, nos ritos da tafularia, para se começar tudo o que respeita ao mundo elegante, depois que o Sol deixa de nos alumiar. Mas, no campo, dez horas é uma hora adiantada: é a hora em que um honrado e positivo lavrador tem já dormido o seu sono, e muito bem estirado; porque os habitantes do campo, como lapónios e pouco ilustrados que são — coitados! — preferem a luz de um belo Sol, que os alumie e lhes dê vigor e energia, à luz artificial de alguns resplandecentes lustres de gás; e por isso se deitam ao anoitecer, e erguem-se com a aurora, gozando do inexplicável espectáculo do acordar da natureza. São gostos. Pois fique cada qual com o seu, que eu, apesar das pinturas dos poetas e das descrições lisonjeiras da gente da província, nunca morri de amores por madrugar. Prefiro antes que o Sol me veja erguer a mim, do que eu o veja erguer a ele. Há nisto talvez até descortesia para com o rei dos astros; mas que querem? Uma madrugada, acompanhada do seu cortejo de gelos e calafrios, foi sempre para mim mais assunto de muito bocejo e espreguiçamento, do que de encantadoras e atractivas seduções. O mau gosto é de certo da minha parte; mas antes assim. Suporte-se ainda mesmo a reputação de sensaborão, contanto que não se troque uma cama, fofa e quente, por uma madrugada fria e áspera.

No campo, como íamos dizendo, dez horas, que são horas de tudo fazer já adormecido, nesta noite, porém, parecia ter excepção, a atentar bem na nossa aldeia, por cujas físgas das portas e janelas de algumas habitações, bruxuleavam luzes, como pirilampos fulgurando num brejo, ouvindo-se, interrompido e intermitente

de vez em quando, o ruído confuso de um vozear alegre, como cantares, ao que parece, de gente que folgava.

E folgava, sim; porque esta era uma das noites de excepção por excelência para aquelas boas gentes: esta era a noite de 24 de Dezembro; era véspera do dia de Natal, em que tudo na província folga, risonha, tange, canta, come e bebe, já se sabe, devotamente, depois de ter ido ouvir a missa do Galo. Esta era a razão da novidade que ocorria na aldeia, cujos habitantes já ansiosos e folgazões suspiravam pela duodécima badalada do sino da freguesia, para envergarem capotes e gibões, e porem-se a caminho para a igreja.

De repente o sussurro de vozes, que era trazido ou levado pelas esfuziadas do vento que assobiava pelos estevais, dobrando as piteiras dos valados, foi cortado pelos latidos agudos de um cão, o qual parecia estar dentro de uma casa de melhor aparência, que ficava afastada da aldeia, para a baixa da serra.

Os latidos do cão vinham com efeito do interior desta casa; e o motivo parecia a aproximação de um vulto negro, como de homem embuçado, que saíra detrás de um grupo de choupos, e se acercara da porta da casa, como pondo-se à escuta. O ladrar do cão ao princípio não atraiu o reparo da gente que lá dentro andava acesa em folgedos; mas tanto que este avançou à porta, raspando nela, como que entrevendo o vulto que estava de fora, que uma voz de homem bradou de dentro:

— Ó Francisco, vê porque ladra aquele cão.

Ao soar da voz, o embuçado desferrou da porta, e correu a esconder-se com os choupos.

A porta abriu-se; e um homem, tendo mão num formidável rafeiro, que, sacudindo a cauda, tudo era querer partir para o lado onde o faro lhe denunciava o estranho, apareceu, deitando a cabeça de fora.

— Ora o que há de ser! — diz o moço — não é nada: é o *Diamante*, que sentiu bulir a porta com o vento, e por isso ladrou.

— Qual carapuça! — exclamou o outro homem de dentro. — Se ele ladra, é porque anda por aí gente.

«O *Diamante* não se engana assim. Anda gente, e gente a quem ele tem gana: essa também eu te juro.

— Eu cá não enxergo vivalma, tio Jerónimo — replicou Francisco. — Ouço o vento que assobia nos valados, e mais nada. Pois olhe que a noite está clara como de dia.

— É verdade; que bela noite! — exclamou uma voz feminina, sonora e meiga. — Parece uma noite de Estio; ora que nem de propósito se pôs assim.

A esta fala, o cão soltou-se das mãos do moço, e voltou-se para a recém-chegada, que era uma camponesa, jovem e gentil, segundo da parte de fora se podia ver, e se pôs a lambê-la e a afa-gá-la.

— Acomoda-te, *Diamante*: tens andado hoje tão inquieto! Terá fome, talvez. Vai dar-lhe de comer, Francisco, anda — disse ela desenvolvendo-se do cão, e indo para dentro.

Neste comenos, os choupos tremeram, e *Diamante*, pilhando Francisco desapercibido, avançou ladrando com a fúria de um leão. Nisto as árvores buliram mais, e uma pancada surda, como de arma que erra fogo, fez-se ouvir.

— Que é lá isso?... Foge, *Diamante*, que te matam! — grita o moço, correndo a desviar o cão.

A esta exclamação do criado, toda a gente da casa chegou à porta, alvoroçada.

— Quem é que me quer matar o cão? — bradou um homem que vinha à frente, adiantando-se, e brandindo um varapau com uma choupa numa das pontas.

A resposta foi o lampejo de escorva que ardeu, sem disparar a arma, entre os choupos.

— Tira-te, António, que foi espingarda que dispararam dali — grita a camponesa, que já tinha aparecido, empecendo ao homem do varapau de prosseguir na direcção das árvores; mas este, desembaraçando-se dela, replicou-lhe com brandura:

— Não tenhas medo, Emília. Sempre quero ver quem é o gatuno, que assim me quer matar o cão: hei-de lhe arrancar as barbas, uma por uma!

O homem que assim falava era um rapaz de vinte e oito anos para trinta: alto, robusto e bem posto. Ainda que não fosse belo, o seu todo era simpático, e tinha umas maneiras em que se revelava a franqueza aldeã, espontânea e incuidosa, mas acompanhada da resolução do homem decidido.

Com ele haviam saído mais alguns rapazes camponeses, uns poucos de lapónios, que eram os moços do casal, e um homem já de idade avançada.

— Que fazes? — gritou este, dirigindo-se a António. — Não te arrisques assim. Sabe-se lá o que será!

— Ora o que há de ser? — retrucou o mancebo aldeão. — Algum ratoneiro, que está à espreita que vamos para a freguesia, para nos entrar em casa.

— Dizes bem, nem é outra coisa — acrescenta o velho, dando alguns passos para o meio da viela.

— Sim, mas deixem-se estar — insistiu Emília, segurando pelo braço António.

— Qual! Hei-de ver-lhe a cara — ateimou este, adiantando-se para os choupos e mais alguns aldeões. Mas ainda não tinha chegado próximo, quando uma sombra se escoou por detrás das árvores, e se viu distintamente o vulto de um homem de capote

escuro saltar o valado com a ligeireza de um gamo, e desaparecer súbito.

— A ele, *Diamante*, vai-te a ele! — brada António, arremessando o cajado ao vulto que fugia, e correndo após ele com a impetuosidade de um tigre.

O cão, enraivado à voz do dono, correu com a velocidade do raio, galgando o valado de um pulo. Quase todos os homens avançaram para o lado por onde fora António, e em breve desapareceram também.

— Vão-me buscar a minha caçadeira! — bradou o velho para os moços, que estavam espavoridos e estupefactos, enquanto que as mulheres rompiam em alaridos. — Vocês não ouvem, gente do diabo? Vão-me buscar a minha espingarda, ou não? — tornou o velho agastado.

— Aonde queres tu ir, Jerónimo? Tu enlouqueceste?... Tu perdeste a cabeça?... — grita uma velha, de voz rouquenha e gritadeira, excessivamente gorda, mas desembaraçada e resoluta, saindo da mesma casa, e travando com o braço o tio Jerónimo, a quem o risco da aventura estimulava ainda os brios de rapaz.

O empuxão da velha, forte como a abalroação de uma charrua dinamarquesa, deteve nos seus ímpetos o tio Jerónimo.

— Aonde quero eu ir? — replica ele. — Quero saber quem é o patife que, escondido naquelas moitas, teve a fraqueza de desfêchar à queima-roupa sobre o bom do nosso António.

— Olhe, minha mãe, indo o pai armado, não tem dúvida... — ia dizendo Emília, quando a velha, arregalando os olhos, com as faces acesas em ira e as palavras atropelando-se pela cólera, lhe bradou num tom atroador:

— Que dizes tu, tola?... Tens medo que te bulam no machacaz, e por isso queres meter também o pai na alhada? Vai tu. Tu

não me fazes falta; ele sim. Que me dizem à rapariga! Quer que lhe guardem o bonifrate! Que se defenda ele. Já tem idade para isso. E que me importa a mim o cão do António?... É o que faltam são cães. E, demais, o cão não é nosso.

— Mas é como se o fora, porque é de António, e é muito seu estimado — respondeu Emília com interesse.

— E que tenho eu que ele o estime, ou não? — continua a velha, cada vez mais incendiada, e dispendo-se a arremeter para Emília.

— O caso é outro — atalhou Jerónimo, metendo-se de permeio. — Agora não se trata de cães, nem meios cães; o caso é mais sério. Trata-se de saber quem foi o melro que estava posto à capa detrás dos choupos, e que depois se esgueirou lá para a quebrada da serra. Não era para matar um cão que ele ali estava. Este é que é o caso.

— É verdade; este é que é o caso — acudiu Emília, fazendo coro com o pai.

— Será esse o caso, senhora espevitada; mas se o cão não estivesse a farejar e a arranhar na porta, já não era nada disto — retorquiu a velha, que era uma espécie de deputado de oposição sistématica.

— Eles lá vêm! Eles lá vêm! — disseram os moços que tinham ficado.

Efectivamente assim era.

António chegou, e os mais camponeses e criados que o haviam seguido, todos cansados e esbaforidos.

— Então que era? — foi a pergunta que saiu da boca de todos.

— O que era?... Era um homem — respondeu António com ar taciturno —; mas agora quem!... Aí é que está o busílis. Vão lá perguntar-lho.

— Vão lá perguntar-lho!!... Ora essa! Pois não viram, indo-lhe quase na peugada?!... — exclamou Catarina pasmada.

— Qual! — tornou António com um sorriso sardónico. — Parece que ia montado no diabo! Pois *Diamante* galga terreno, mas não foi para o seu dente podê-lo apanhar.

— E que direcção tomou? — pergunta o tio Jerónimo, tomado de pasmo.

— Atravessou as terras do moinho: galgou a lombada da serra, e depois meteu-se na vinha do André da Charneca. Daí por diante ninguém mais lhe pôs a vista em cima.

Isto respondeu um camponês, porque António estava entregue a cogitações profundas, como alheio do que se passava.

— Está bom; como não aconteceu desgraça, Deus louvado, ainda o caso foi bem. Ora andem, agora vamos para dentro — diz Catarina. — Parece que querem ficar aqui... Não pensem mais nisso. Isso era algum larápio, ou, agora me lembra, talvez fosse o abegão em que nos falou a Josefa da Horta; porque, bem pensado, estarem-lhe aqui quase com as mãos em cima, e ninguém lhe poder ser bom, manda obra do demo. Eu te arrenego, Satanás! — exclamou a velha fazendo o sinal da cruz. — Então isto já é de mais: vamos para dentro, ou não?... Parece que ficaram todos apegados ao chão.

E assim era. A estranheza da aventura tinha infundido o espanto em todos.

António, com os olhos pregados no chão, encostado ao varapau, e verrumando a terra com ele, parecia entregue a um pensar penoso; ou, para melhor dizer, lidava para combinar factos que a memória lhe esquivava.

Um pressentimento indecifrável lhe escurecia as ideias, povoando-lhe de imagens tristes todo o seu imaginar. O aparecimento do estranho acordava-lhe pensamentos confusos, mas

através dos quais lhe parecia ver despontar lembranças, que bem amargamente lhe haviam dilacerado a alma noutra época.

Emília chegara-se para ele, e mostrava que as mesmas sensações a atenuavam; estava triste e pensativa como ele.

O tio Jerónimo também cismava, mas o seu cismar era outro. Reflexões nascidas das circunstâncias singulares do acontecimento, e influídas pela superstição, feição proeminente do carácter camponês, lhe faziam encarar o ocorrido pelo lado maravilhoso. Um lobisomem não se atrevia a afirmar que fosse o desconhecido, porque a configuração era humana, e não assentava as quatro patas no chão; mas coisa boa não a reputava ele de certo.

Assim estavam todos, quando um sonoro repique de sinos, travando os ares e repercutindo-se em todos os montes e vales vizinhos, acordou os ecos da serra, e arrancou os vales desta espécie de letargo.

— Ai! que já toca à missa, e nós aqui! — exclamou Catarina, saltando como tocada da pilha voltaica.

— É verdade — dizem todos em chusma.

— Toca para a missa, rapaziada — bradou Jerónimo. — Deixemos os maus pensamentos. Não nos lembremos mais disto. O que for soar. Anda, António: pareces uma estátua.

— Eu cá não vou à missa — resmungou António.

— Quê?!... Tu não vais à missa?... Ora essa tinha que ver. Já para a freguesia, meu pachola! — brada Catarina dando-lhe uma palmada nas costas, capaz de fazer aluir uma torre. — Ora era o que faltava, se tu não ias à missa do Galo! Vai-te daí, tolo, que estás a parafusar? Pareces-me um piegas. Já a ninguém lembra tal coisa, e ainda tu estás com os olhos cravados no chão, que pareces um estafermo. Anda, vamos daí.

— Anda, António — disse Emília em tom meigo. — Então não queres ir connosco à missa do Galo?

— Pois vamos lá — respondeu enfim ele, que a esta voz pareceu desagarrar-se do seu ruminar.

— Toca a aprontar tudo, rapazes, para irmos para a missa! — grita o tio Jerónimo; o que foi respondido pela frase geral:

— Vamos para a missa.

Toda a família entrou para dentro da casa, e depois de alguns momentos saíram todos, mas já amantalhados e encapotados, e tomaram o caminho da freguesia.

— Fecha bem a porta — disse Catarina a um dos moços que dava volta à chave —, visto que temos quem nos ronde a casa.

O rancho alongou-se.

As vozes, em práticas folgazãs, por entre as quais surdiam as gargalhadas esganiçadas e estridentes das raparigas, foram ressoando ao longe por algum tempo, deixando de se distinguir, e formando por último um alarido confuso, que se perdia ou multiplicava à proporção das anfractuosidades da encosta que iam correndo.

Em breve não se ouviu já senão o som surdo e compassado dos tamancos dos moços nas calçadas das quelhas da aldeia: este mesmo ruído extinguiu-se pouco a pouco; mas foi substituído por outro, semelhante à restolhada que fazem as folhas secas pisadas.

Eram passos de alguém que se aproximava cauteloso.

O vulto negro do embuçado apareceu de novo; mas desta vez vinha da traseira da casa; e cosendo-se com a parede dela, tomou também o caminho da freguesia, porém sempre esquivando-se, retraindo-se ou cosendo-se com a sombra, até que desapareceu de todo.